

A MORTE DE VALÉRY LARBAUD

NO primeiro mês do corrente ano chegou-nos a notícia da morte de Valéry Larbaud, aos 75 anos de idade, pois havia nascido em Vichy no ano de 1881. Ao que sabemos, nenhum artigo de necrológio lhe foi dedicado na imprensa brasileira, bastando a simples nota da agência telegráfica. Trata-se, no entanto, de um trabalhador infatigável, de um criador corajoso de tipos e de situações, sempre insatisfeito com a sua obra e com os limites da cultura nacional. Conhecia, como poucos, as produções literárias de outros países — fato excepcional para um francês. As literaturas inglesa, italiana, espanhola e, de certa maneira, a brasileira e a portuguesa lhe eram familiares. Quando da descoberta da língua portuguesa, escreveu êle que as palavras "sòzinho" e "garôta" são deliciosamente expressivas, como não há igual em outro idioma.

Talvez que Larbaud possa ser classificado dentro do chamado "exotismo", significativo das primeiras décadas deste século, quando alguns escritores europeus se voltavam para o mundo, vasto mundo, na procura de novos e virgens argumentos para as suas obras literárias. Era um Loti, um Kipling, um Conrad, um Blaise Cendrars, além de um Morand, um Maurice Bedel, um Luc Durtain, os irmãos Tharaud, que traziam para os catálogos das livrarias européias motivos de outras terras, de outra gente, que só constavam até então dos mapas geográficos para os meninos das escolas secundárias.

Vivia em Larbaud, como êle próprio escreveu, uma inquietação permanente, de quem pretende a posse integral do mundo. Não esperava muito da sua glória literária, havendo dito ainda moço: "Quando me tornar, por minha vez, de escritor pouco conhecido escritor esquecido, quando serei um pequeno esquecido do começo do século vinte..." Foi de certo modo uma previsão que se realizou, mesmo em sua pátria. Faltava-lhe, sem dúvida, esta permanência de vida interior, que atravessa os tempos e fica sempre igual, porque de todas as épocas e de todos os lugares, Larbaud era, por assim dizer, um sensorialista, voltado sempre para fora, com grandes olhos atentos, que tudo viam e registravam. Vivia pelos sentidos, extrovertidamente, em busca do colorido, do bizarro, do que lhe feria os ouvidos e os olhos. Em 1927 publicava **Jaune, Bleu, Blanc**, com esta explicação sobre o título, logo nas primeiras linhas do prefácio: "Uma fita amarela, azul-clara e branca serviu muito tempo para prender os manuscritos que constituem presentemente esta obra". Na realidade, no entanto, estamos diante de um dos seus livros mais significativos, no qual as cores pouco ou nada têm a fazer.

Em 1938 apareceu **Aux Couleurs de Rome**, constante de uma divagação que lhe inspiraram as cores da Cidade Eterna, em que predominam o ouro e o vermelho. Mas foi em uma obra bem anterior, de 1908, **A. O. Barnabooth** que Larbaud alcançou a reputação de que veio a gozar mais tarde. Trouxe êle para a sua criação poética os grandes expressos internacionais, com os seus **wagons-lits**, os imensos transatlânticos, os palácios dos nababos e todo êste mundo tumultuante e moderno que o cercava. Foi êste o verdadeiro lugar que marcou na literatura francesa, sendo um precursor de Morand e todos os outros que chegaram depois.

Esta necessidade da posse do mundo — aliás, título de um livro de Duhamel — lhe veio diretamente da influência que sofreu da obra de Walt Whitman, uma de suas leituras constantes. Já entre as duas guerras, mantinha-se Larbaud um espírito de fim de século, preocupado com a cultura, com o conhecimento, sem a inquietação da corrida para uma ilustração de superfície. Manteve-se sempre na atitude de quem tudo quer saber, nada ignorando do que diga respeito aos homens, embora de outras latitudes e de outros temperamentos. No seu livro de 1938, observa Larbaud que há grande diferença entre o que é e o que se faz. Enquanto o francês diz que é pedreiro ou motorista, o italiano declara que **faz** o pedreiro ou o motorista. É o italiano quem tem razão, acrescenta Larbaud, quando recusa identificar a noção de sua existência com a noção de seu ofício, porque em todas as circunstâncias, êle permanece e tem consciência de permanecer eminentemente **homem**. Nossa vida se faz, a cada instante, disso que somos e disso que fazemos. Em suas palavras: "A vida temporal continua. E nada para a vida eterna? Nada — senão nós". E é êste o problema eterno da vida humana, surpreendido por quem procurou o homem por todos os lados, como um autêntico amador que busca a posse do mundo.